

ÉRAMOS AS CINZAS E AGORA SOMOS O FOGO: DIÁLOGOS ENTRE MAXWELL ALEXANDRE E BK NA ARTE VISUAL E NO RAP

DANIELA OLIVEIRA DE ASSIS¹; CAROLINE LEAL BONILHA ²

¹ Universidade Federal de Pelotas – assisdaniela07@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – bonilhacaroline@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe analisar o diálogo entre a obra "Éramos as cinzas e agora somos o fogo" de Maxwell Alexandre e a música "Quadros" do rapper BK, explorando como a arte visual e o rap articulam narrativas de resistência, identidade e afirmação da negritude.

No contexto brasileiro a produção cultural negra assume um papel importante na visibilidade e afirmação das vivências negras, periféricas e urbanas, ressignificando experiências de identidade marginalizadas. A arte e o rap surgem como formas de resistência e criação de narrativas próprias, promovendo reconhecimento e pertencimento social e cultural.

Maxwell Alexandre, artista visual negro, nascido na Rocinha (RJ), trabalha principalmente com pintura e instalações. Suas obras exploram temas de representatividade, identidade, aborda a violência do corpo negro na sociedade brasileira, dialogando com o cotidiano periférico e questionando estereótipos. Sua produção é influenciada pelas letras de rap e por poetas negros cujas vivências dialogam com a sua

Já Abebe Bikila, conhecido pelo seu nome artístico BK, é rapper também carioca, que utiliza suas letras para narrar experiências da população negra periférica, abordando resistência, ascensão social e empoderamento. É considerado um dos nomes mais influentes do rap brasileiro.

O título da obra de Maxwell Alexandre “Éramos as cinzas e agora somos o fogo”, é uma apropriação da frase presente na música “Quadros” do BK. Isso já indica um diálogo entre linguagens: a pintura/instalação dialogando com o rap. Maxwell assume essa referência, criando uma ponte entre artes visuais e música, ambas como formas de expressão da vivência negra no Brasil.

Essa pesquisa busca compreender como, em linguagens distintas, os dois artistas estabelecem pontes discursivas, construindo um imaginário de resistência e potência. Ao pensar sobre a produção artística, tanto no campo das artes visuais quanto do rap, é possível perceber que o discurso ocupa um lugar central, pois, como coloca Felinto (2013), agora são os próprios negros que dão o tom dessa representação, assumindo seus próprios discursos, sendo, simultaneamente, criadores e criação de suas histórias pessoais e de seus antepassados.

2. METODOLOGIA

A metodologia deste trabalho parte das reflexões de Homi Bhabha em *O Local da Cultura*, que discute como identidades e culturas se constroem em espaços de fronteira e negociação, e de Bell Hooks em *Olhares Negros: raça e representação*, que aponta a importância de reconhecer e questionar as imagens e narrativas que moldam a experiência negra. Assim, a análise busca compreender como a arte e o rap funcionam como espaços de resistência e produção de novas representações, articulando identidade, memória e crítica social a partir das vivências periféricas e negras.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO



Figura 1 – Maxwell Alexandre. *Éramos as cinzas e agora somos o fogo*, da série *Pardo é papel*, 2018.

Fonte: MASP – Museu de Arte de São Paulo. Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/eramos-as-cinzas-e-agora-somos-o-fogo-da-serie-pardo-e-papel>. Acesso em: 25 ago. 2025.

BK em “Quadros” fala sobre trajetórias de luta, transformação e orgulho negro. A frase “éramos as cinzas e agora somos o fogo” é um manifesto de resistência, de sair de um estado de invisibilidade, dor e apagamento (cinzas) para assumir potência, criação e transformação (fogo). Maxwell Alexandre, em sua obra, traz corpos negros, cotidianos periféricos e símbolos de poder, construindo imagens que recontam a história a partir de uma ótica negra. O fogo aqui se traduz em presença e centralidade dos corpos e narrativas que antes foram marginalizadas.

Enquanto Maxwell reinscreve corpos negros em suportes de grande escala, ocupando simbolicamente espaços historicamente negados, BK reposiciona a voz negra como protagonista, reafirmando conquistas e questionando hierarquias. O

encontro entre suas produções revela uma poética da chama: da cinza, metáfora da opressão e apagamento histórico, ao fogo, símbolo da potência criativa, da luta e da renovação.

Bell Hooks discute como o olhar negro é historicamente reprimido, mas também se torna ferramenta de resistência. Essa ideia aparece nas artes visuais, quando o artista Maxwell Alexandre reconstrói imagens da negritude, e no rap, quando BK narra vivências negras que o sistema tenta invisibilizar.

Isso se conecta com Bhabha, que mostra que a cultura também é um espaço de luta e negociação. Nesse sentido, o rap e muitas produções visuais se tornam estratégias de resistência, questionando estereótipos coloniais, denunciando desigualdades e dando voz a comunidades marginalizadas.

Para Bhabha, tradição não é algo fixo, mas se reinscreve a cada nova situação. Isso aparece quando o rap retoma referências da cultura negra, do samba, do funk, mas recria tudo em linguagem contemporânea. O mesmo acontece nas artes visuais, quando artistas resgatam elementos de sua herança cultural e os transformam em obras críticas atuais.

O conceito de olhar opositor em Bell Hooks pode ser relacionado a essas duas linguagens como uma prática de enfrentamento: olhar para si com consciência crítica e devolver ao mundo novas narrativas.

Essa articulação mostra como arte visual e rap podem atuar em conjunto como ferramentas de emancipação, valorizando experiências coletivas e ampliando os repertórios de representação da negritude no Brasil contemporâneo.

4. CONCLUSÕES

A pesquisa evidenciou que a obra “Éramos as cinzas e agora somos o fogo” de Maxwell Alexandre estabelece um diálogo significativo com a música “Quadros” do rapper BK, demonstrando como diferentes linguagens artísticas podem convergir na afirmação de identidades negras e periféricas. A análise revelou que tanto o rap quanto a arte visual são espaços de resistência, memória e criação estética, nos quais a experiência da negritude é articulada de forma potente e transformadora.

Ao fundamentar essa relação com autores como Bell Hooks e Homi Bhabha, foi possível compreender que a produção artística negra se configura como ferramenta de visibilidade e de reconfiguração cultural, questionando narrativas hegemônicas e propondo novas formas de subjetividade e pertencimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação.** São Paulo: Elefante, 2019.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

ANDRADE JÚNIOR, Derivaldo. **Éramos a cinza e agora somos o fogo: a estética na obra de Maxwell Alexandre.** 2019. Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Artes Visuais) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicações e Artes, Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação, São Paulo, 2019.

CAVALCANTI, Amanda. **Conheça Maxwell Alexandre, pintor inspirado pelo rap e autor da capa do disco do BK.** Site Vice Brasil. São Paulo, 31 out 2018. Disponível em <https://www.vice.com/pt/article/conheca-maxwell-alexandre-pintor-inspirado-pelo-rap-e-autor-da-capa-do-disco-do-bk/#:~:text=Maxwell%20%C3%A9%20um%20m orador%20da,Blues%2C%20Djonga%20e%20BK'>. Acesso em: 25 ago. 2025

MEDEIROS, João Victor. **O caminho do meio de “Castelos & Ruínas”.** Site Revista Balaclava. Disponível em <https://revistabalaclava.com/o-caminho-do-meio-de-castelos-ruinas/>. Acesso em: 25 ago. 2025

QUIODINE, Gustavo. **Álbum "Gigantes" de BK' mostra a grandeza do Rap.** Site Conduta Rap. 20 jun. 2019. Disponível em <https://condutrap.webnode.page/analises-br-3/>. Acesso em: 25 ago. 2025

ALEXANDRE, Maxwell. Éramos as cinzas e agora somos o fogo, da série Pardo é papel. 2018. Pintura em látex, graxa, henê, betume, corante, acrílica, vinílica, grafite, caneta esferográfica, carvão e bastão oleoso sobre papel pardo, 319 x 480 cm. MASP – Museu de Arte de São Paulo, São Paulo. Doação Alfredo Setubal, Heitor Martins e Telmo Porto, no contexto da exposição Histórias afro-atlânticas (2018-19). Disponível em: <https://masp.org.br/acervo/obra/eramos-as-cinzas-e-agora-somos-o-fogo-da-serie-pardo-e-papel>. Acesso em: 25 ago. 2025.